

expressivo, a senhora Peixoto entrava no educandário, cercada de simpatia.

A bondade gerara a bondade, e uma cadeira de carinho e repouso trouxera outra de serviço e educação.



Restabelecido

O irmão Fego, abnegado espírita que se tornara um apóstolo da caridade em Sergipe, começou a aplicar passes magnéticos em um cavalheiro obsidiado, cujas melhorias eram visíveis.

O generoso visitador dos pobres reparou, entretanto, que a memória do enfermo ainda era confusa.

O doente comia regularmente, dormia calmo e falava com acerto, mas parecia de nada mais recordar-se.

Seis meses corriam sobre a situação, quando implorou ao Espírito de Bittencourt Sampaio, então incorporado em um médium amigo de Aracaju, socorresse o infeliz, ao que o benfeitor respondeu que o doente já estava plenamente restabelecido e que já não mais necessitava de passe.

— E a memória? — disse Fego — o pobre homem não mais se lembra de nada... E' falta de caridade deixá-lo assim...

Bittencourt não respondeu e Fego acreditou que o generoso amigo espiritual fora substituído por algum mistificador.

No dia seguinte, orava junto ao enfermo, agradecendo a presença dos instrutores da Vida Maior nos passos que acabava de ministrar, quando o enfermo foi visitado por um homem de boa aparência, que, depois de saudá-lo, trou logo no assunto que o trazia.

— Venho vê-lo — disse —, da parte de um companheiro de Pernambuco.

E porque o doente nada respondesse, como se estivesse alheio ao assunto, prosseguiu:

— E' o problema da conta... Não se lembra da conta?

— Não, não me lembro... — replicou o interpelado a esparramar-se na rede...

— Mas, meu amigo, é caso urgente... E' a velha conta...

— Não me recordo.

— Meu Deus, é uma questão séria... Trata-se de uma conta grande...

Fego, compadecido, interferiu, falando em tom de súplica:

— Peço ao senhor ajudar-nos, solicitando paciência ao credor... Por enquanto, nosso doente está sem memória...

— Mas dá-se o contrário — exclamou o visitante —, trata-se de oitenta contos de réis que preciso entregar-lhe em nome de um amigo.

Os olhos do enfermo iluminaram-se de repente, e ele falou firme:

— Já sei... Lembro-me perfeitamente agora. E' um dinheiro que emprestei ao Geminiano, em Recife, há quatro anos... Poderei passar recibo imediatamente...

— Isso mesmo, isso mesmo — disse o rém-chegado, esfregando as mãos.

Estupefato, irmão Fego abanou a cabeça e falou em voz alta, qual se estivesse argumentando consigo mesmo:

— E'... é... Bittencourt tinha razão.

